

SL 801 CTO Volc SC0125

### Empresas ampliam incentivos para ganhar guerra das vendas D4

**Antunes (foto), da Embaré, investe para dobrar a produção B7**



www.valoronline.com.br

# Valor

## ECONÔMICO

## Destaques

### Só um concorrente à Cemar

A americana Pennsylvania Power Light (PP&L) deve arrematar hoje a Companhia Energética do Maranhão (Cemar), em leilão na Bolsa do Rio. Os outros interessados — Alusa e União Fenosa — desistiram do negócio. **Página B9**

### Pulverização nas elétricas

O ministro Rodolpho Tourinho disse ontem que Furnas será privada em janeiro ou fevereiro de 2001, de forma pulverizada. Outras duas empresas de geração de energia — Chesf e Eletronorte — seguirão o mesmo modelo. **Página A2**

### Teles puxam arrecadação

São Paulo já arrecada mais de 50% do ICMS do Estado. A cidade perdeu muitas indústrias, mas concentrou a oferta do setor de serviços, principalmente na área de telecomunicações, responsável por quase 10% do total. **Página A5**

### Mudanças nos FIFs

Liderados pelo Banco do Brasil, os bancos estão estudando a adoção de um "aviso prévio" de pelo menos dois dias para o resgate de cotas dos Fundos de Investimento Financeiro (FIF) que oferecem liquidez diária. **Página C1**

### A volta da Letra de Câmbio

A Acrefi, o Cetip e o Banco Central estudam a volta das Letras de Câmbio — que até o final dos anos 80 foram o principal instrumento de captação das financeiras —, desta vez como opção de investimento para pessoas físicas. **Página D4**

### Ícador eleva produção

O campo de Roncador, na bacia de Campos (RJ) já está produzindo 47 mil barris de petróleo por dia, quase o mesmo que todo o Estado da Bahia. Em 2003 deverão ser 180 mil barris/dia, 15% da produção atual do país. **Página B8**

### Telefônica de olho na mídia

A Telefônica vai investir na área de mídia no Brasil. O presidente da empresa, Fernando Xavier Ferreira, disse que o grupo espanhol vem mantendo conversas "preliminares" com emissoras de TV, como o SBT e a Bandeirantes. **Página A3**

## Responsabilidade social



Simon Zadek, do Instituto de Contabilidade Social e Ética, afirma que o maior bem de uma empresa é sua marca, e, por isso, é importante sua imagem perante a sociedade. **Página B6**

# Banco Central e BNDES brigam por dividendos

Mara Luquet  
De São Paulo

O Banco Central (BC) e a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) estão no centro de uma das principais disputas de acionistas minoritários do setor petroquímico, os R\$ 22 milhões de dividendos pagos pela Polialden, uma das maiores produtoras de polietileno.

O BC é o liquidante da Conepar, a controladora da Polialden e principal favorecida na distribuição dos dividendos aprovada pela empresa. O conselho de administração da Polialden decidiu só distribuir dividendos para os donos de ações ordinárias, que na maior parte pertencem à Conepar — empresa do grupo Econômico que vem sendo administrada pelo Banco Central desde a intervenção no banco do empresário Ângelo Calmon de Sá.

A CVM, levando em conta os interesses dos detentores de ações preferenciais, suspendeu a operação e vai analisar o caso em reunião de Colegiado.

"Não é uma questão simples e antecipar qualquer decisão seria leviano", diz Joubert Roval, diretor da CVM.

O advogado Francisco Costa e Silva, ex-presidente da CVM, foi contratado pelos cotistas do fundo Fator Sinergia, um importante grupo de minoritários da Polialden que inclui o BNDES e a BNDESPar, para tentar manter na Justiça a decisão da CVM.

"O que fizeram com os minoritários da Polialden é um escândalo", diz Costa e Silva. Segundo ele, os dividendos foram pagos para cobrir uma operação ilegal feita há alguns anos pela Polialden, que havia feito um empréstimo para socorrer a Ciquine, outra empresa do pólo de Camaçari que também pertencia ao grupo Econômico. O Banco Central, oficialmente, diz que quem participou da decisão sobre os dividendos foram os liquidantes do grupo baiano.

Os minoritários vão tentar na Justiça adiar o leilão do pólo de Camaçari até que a nova Lei das Sociedades Anônimas seja votada. **Páginas D1 e D3**

## Incentivos a sistemas de segurança

Ricardo Amaral  
De Brasília

O Decreto nº 3.505, do presidente Fernando Henrique, abriu um novo mercado para a indústria de segurança na transmissão de dados, ao instituir a Política de Segurança na Informação na administração pública. A construção de uma rede de proteção contra "hackers" e "grampos" é a base da nova política setorial para esse segmento.

"O programa vai demandar a aquisi-

## Crise atinge mais as periferias

Vera Saavedra Durão  
Do Rio

A perda de renda nas periferias das seis maiores regiões metropolitanas — Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Salvador —, tem contribuído para o quadro de instabilidade social, como revela um estudo inédito do economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

De acordo com ele, a abertura econômica e as crises da Ásia e da Rússia, que fustigaram o Brasil entre 1996 e 1998,

afetaram mais as regiões mais ricas do país, como a Sudeste, onde a renda média regional caiu 0,03% no período.

O rendimento dos 20 milhões de habitantes das zonas periféricas dessas regiões metropolitanas foi o mais prejudicado em função do desemprego, registrando queda recorde de 2,39% — comparada a um crescimento de 1,60% da renda média em todo o Brasil.

O estudo mostra, ainda, que não foram os mais pobres as vítimas desse processo, mas as pessoas engajadas na produção e que perderam seus empre-

gos, em especial aquelas com menor qualificação profissional.

A abertura da economia à concorrência externa e as turbulências internacionais afetaram de forma diferente as regiões mais pobres. No Nordeste, a renda subiu 5,06% no período. A razão foi a prolongada estagnação, que levou o governo a criar frentes de trabalho e a aumentar a aposentadoria rural. Essas políticas acabaram favorecendo temporariamente as camadas mais baixas da população, que tiveram renda nesse período. **Página A12**

Doenças para os pobres sobam Inflação

## Renda Pesquisa da FGV mostra que região sofre empobrecimento

# Periferia é o centro de crise social

Vera Saavedra Durão  
Do Rio

O mapa da crise social que ameaça se alastrar por todo país e vem tirando o sono do governo tem endereço certo: a periferia das seis maiores regiões metropolitanas (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife), cujos 20 milhões de habitantes tiveram uma queda de 2,39% em sua renda domiciliar per capita.

Este tipo de renda é a soma de todas os membros de domicílio incluindo crianças e desempregados, dividido pelo número de moradores) entre os anos de 1996 e 1998.

A renda média/Brasil, no período, cresceu 1,60%.

Os dados foram levantados pelo economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O estudo divulgado por Neri para o Valor, buscou medir o impacto da abertura econômica e das crises asiática e russa sobre as macrorregiões brasileiras e a qualidade de vida da população. Sua conclusão foi de que as regiões mais ricas, como a Sudeste, e com

maior atividade econômica, foram as mais atingidas pela abertura. "As vítimas desse processo não foram os mais pobres, mas as pessoas engajadas na produção que perderam sua ocupação, principalmente os menos qualificados".

Neri avalia que as explosões atuais de violência e manifestações políticas e sociais em São Paulo, Rio e Belo Horizonte são frutos deste quadro de aumento do desemprego, cuja taxa subiu em janeiro de 1998 dois pontos percentuais, alcançando o elevado patamar de 8%.

Para comprovar esta tese, Neri calculou a renda dos brasileiros medida apenas pelo ganho do trabalho e constatou que, neste caso, a situação se torna mais grave, pois cai 1,46% a renda média/Brasil no período pesquisado e o rendimento das regiões metropolitanas, incluindo as capitais, desaba 2,58%.

Nas macrorregiões o efeito das mudanças na economia foi muito heterogêneo. Enquanto o impacto mais negativo de queda de renda foi mais sentido nas áreas mais ricas, no Nordeste, este rendimento subiu 5,06%, bem acima da média/Brasil de 1,60%.



Neri: "As pessoas dessas regiões tiveram queda de 2,39% em suas rendas"

Nas regiões Norte e Centro-Oeste, o crescimento também foi elevado, de 4,30%.

A região Sul apresentou um aumento de apenas 0,51% no rendimento médio regional.

"O resultado do Nordeste me surpreendeu, mas atribuo esta melhora da renda local à seca que levou o governo a criar frentes de trabalho. Também colaborou para o fenômeno o aumento da aposentadoria rural", disse Neri.

Ele comentou que é melhor para o problema da distribuição de riqueza no Brasil que as regiões mais ricas sejam mais prejudicadas que as áreas mais pobres, mesmo às custas da deterioração da vida nos grandes centros urbanos e nas periferias.

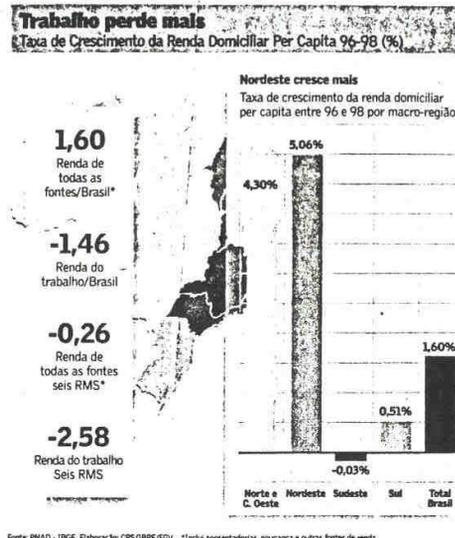
O comportamento do rendimento do Nordeste e das áreas mais pobres, como a rural (onde

se localizam cidades de menos de 20 mil habitantes), ajudou os 50% mais pobres da população a terem um ganho em seu rendimento de 2,4%, enquanto os 10% mais ricos ganharam 0,96%.

Neste cômputo, Neri classifica também os 40% intermediários (classe média no sentido estatístico) aumentaram sua renda em 0,19%, mas foram os que menos ganharam.

"Entre a Índia e a Bélgica brasileiras, existe um Peru onde se inserem os de renda média, a nível da média Brasil e que são um contingente respeitável", classificou o economista.

Em termos absolutos, porém, a renda dos 50% mais pobres, no período estudado, é inferior a meio salário mínimo, R\$ 64,2 na média Brasil e R\$ 97,1 nas seis regiões metropolitanas. Os 10%



1,60  
Renda de todas as fontes/Brasil\*

-1,46  
Renda do trabalho/Brasil

-0,26  
Renda de todas as fontes seis RMS\*

-2,58  
Renda do trabalho seis RMS